
A incessante busca pela identidade. Ou seria pela alteridade?¹

Elaine Barreto BATISTA²

Regina Tavares de Menezes dos SANTOS³

Resumo

Os replicantes de Blade Runner (que é um bom filme de 1982) são seres humanos artificiais em tudo semelhantes aos naturais e que foram fabricados de modo a viver apenas alguns anos. Sabem que logo vão morrer, mas não sabem quando. Diferenciam-se dos humanos só por uma afetividade menor (dificilmente mensurável) e pelo fato de serem privados de memória. Quando tentam subtrair-se de sua situação de escravidão, o primeiro problema que enfrentam é o de uma autobiografia, de um passado que seja possível recordar e documentar [...] (ROSSI, 2010, p. 24).

A admirável elaboração de Rossi lança olhos para um ponto crucial nas discussões sobre memória: sem ela não é possível identificar-se, diferenciar-se dos demais humanos e animais. Essa razão, pura e simplesmente, seria

¹ Artigo apresentado à VII Semana de Ciências Sociais – (Des) Identidade Nacional – Onde Canta o Sabiá? A Complexidade na Construção de Uma Suposta Identidade Brasileira.

² Professora mestre pela Universidade Cruzeiro do Sul, ministra aulas no curso de Relações Públicas da Universidade Cruzeiro do Sul. Contatos: (11) 7791-4172 – e-mails: elainebarretorp@bol.com.br; elainebarretobatista@gmail.com

³ Doutoranda do Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da PUC/SP. Professora mestre pela Pontifícia Universidade Católica (PUC), ministra aulas no curso de Jornalismo da Universidade Cruzeiro do Sul. Contatos: (11) 9.7262-6360. e-mails: rtavares2004@yahoo.com.br; regina.tavares2004@gmail.com

capaz de anular ou validar, por si só, todo e qualquer empenho humano depositado em guerras, paixões e expectativas para o futuro.

Não é exagero reiterar que a memória não tem relação apenas com o passado, mas com a identidade, como alerta Le Goff: “A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia” (1990, p. 75).

Mas, se estamos em meio a tantos elementos de memória, tais como: patrimônios culturais, lembranças, museus, heranças, recordações, monumentos, fotografias, biografias etc., por que lamentamos a ausência de identidade?

Afinal, acredita-se que uma eventual crise de identidade pode ser evitada a partir de, entre outros aspectos, movimentos de valorização da memória histórico-social, por exemplo, patrimônios culturais. Daí a crescente demanda pela preservação ou criação de patrimônios nacionais no mundo ocidental, como será visto adiante, especialmente no que tange ao movimento de musealização, referenciado assim por Huyssen (2000) e denominado como museografiação por Jeudy (1990).

Hall e Giddens acreditam que os sintomas da “globalização” são os responsáveis pela derrocada da identidade.

A globalização implica um movimento de distanciamento da ideia sociológica clássica da “sociedade” como um sistema bem delimitado e sua substituição por uma perspectiva que se concentra na forma como a vida social está ordenada ao longo do tempo e do espaço. (GIDDENS Apud HALL, 2001, p. 68)

Harvey (2000) disserta na mesma linha de pensamento e crê que a identidade enfraquece durante a globalização, em razão da ausência de pertencimento espacial e controle temporal.

Para Bhabha, a formulação de identidade é contestável e inútil, não somente na atualidade impactada pela globalização ou coisa que o valha, mas ao longo de toda a história da humanidade. Ele pondera:

O acesso à imagem da identidade só é possível na negação de qualquer ideia de originalidade ou plenitude; o processo de deslocamento e diferenciação (ausência/presença, representação/repetição) torna-a uma realidade liminar (2013, p. 95).

Hall compartilha da mesma opinião e também desconfia de uma identidade unificada.

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar ao menos temporariamente (2001, p. 13).

Os estudos de Warburg⁴ em relação ao ritual da serpente praticado pelos índios Pueblo permitem refletir sobre uma questão inquietante e adjacente ao debate da identidade: a alteridade.

⁴ Aby Warburg (1866-1929) é um expoente da aplicação da arqueologia nos estudos das Ciências da Cultura. O intelectual alemão estava fielmente interessado na proposição de uma etimologia para os motivos imagéticos quando idealizou o faraônico Atlas das Imagens, chamado *Mnemosyne*. A tentativa ousada de um atlas universal das imagens rendeu 63 painéis com algo perto de mil fotografias. Neles, é possível notar imagens semelhantes à do Homem Vitruviano em documentos anteriores e posteriores a Da Vinci, por exemplo. De fato, determinadas imagens apontam um fluxo intenso entre si, repetindo-se

Diante da iminente ameaça ao pensamento e prática mítico-simbólica dos Pueblo, a partir da sobreposição das imagens da Igreja Católica, Warburg lamenta e questiona:

Se essas impressões agora estão mais obscuras do que já estiveram, só lhe posso assegurar que, ao partilhar minhas memórias distantes, auxiliado pela imediatez das fotografias, o que tenho para dizer oferecerá impressão tanto de um mundo cuja cultura está se apagando quanto de um problema de importância decisiva nos escritos gerais da história cultural: de que maneira podemos distinguir traços característicos da humanidade pagã primitiva? (WARBURG, 2005, p. 9).

Sobre o temor de Warburg, diante da sobreposição das imagens pagãs primitivas pelo cristianismo, estudosos como Grusinski (1995) despontam oportunamente. “L’ identité se définit donc toujours à partir de relations et d’ interactions multiples⁵” (GRUSINSKI, 1995, p. 48). Este mesmo autor lidou com pesquisas sobre a colonização do imaginário indígena mexicano pelo catolicismo, em especial, o jesuítico. Em suas constatações, prevalece a tese de que as identidades não se isolam e se atomizam, mas exponenciam-se e tornam-se outras em contato com a alteridade. Ao que tudo indica, é necessário unir esforços intelectuais e físicos para aceitar o pertencimento do outro em si próprio.

Augé também nos auxilia a pensar sobre alteridade. De acordo com ele, a humanidade vivencia uma guerra muito específica, a “guerra dos sonhos”.

exaustivamente na história da iconografia humana. Ao analisar a mídia contemporânea sob essa perspectiva, Baitello afirma: “A máxima publicitária tão propalada, cada vez mais real nos nossos dias, segundo a qual ‘nada se cria, tudo se copia’ apenas faz repetir procedimentos já conhecidos na história das imagens” (2005, p.95).

⁵ “A identidade é sempre definida a partir de relações e interações múltiplas.” (Tradução nossa).

A partir desta premissa, os sonhos são colonizados em favorecimento e afirmação de determinadas imagens cristãs, a exemplo da recusa do paganismo pela Igreja Católica no campo dos sonhos. “A Igreja foi levada a fazê-lo quando pretendeu extirpar o paganismo, por exemplo, distinguindo as duas “portas do sonho” - o sonho-illusão e o sonho-premonição” (AUGÉ, 1998, p. 45). Ainda assim, para o autor, coexistem outras formas de interpretação dos sonhos, independentes ou contaminadas em parte pelas investidas da Igreja Católica.

Ambas as avaliações - de Grusinski e Augé - apontaram, em suas considerações finais, a incorporação da alteridade como movimento natural da vivacidade cultural e histórica da humanidade. Sendo assim, em nenhum momento, os autores pretendiam localizar ou defender a pureza de uma inatingível identidade assim como não esperavam que o projeto de colonização das imagens e dos sonhos fosse plenamente vitorioso.

Augé ainda declara: “Não existe afirmação identitária sem redefinição das relações de alteridade, como não há cultura viva sem criação cultural. A própria referência ao passado é um ato de criação e, pode-se dizer, de mobilização” (1998, p. 28).

Sendo assim, é indispensável repensar o discurso insistente de preservação da memória não como substancial à alteridade, mas como pretexto da afirmação da identidade, seja a dos vencidos seja a dos vencedores, parafraseando Benjamin.

É Jeudy quem acrescenta reflexões importantes em torno desta temática. “Por trás do aspecto idealizante da reapropriação das identidades culturais e da reabilitação das memórias coletivas, talvez esteja em jogo uma transformação social das relações com a memória e com a morte” (JEUDY, 1990, p. 4).

De acordo com o autor, a aparente nobre intenção do resgate da memória pode travestir uma perigosa negociação entre autoafirmação póstuma e historicização/homogeneização da história do presente. Sobre o assunto, Bhabha (2013, p. 31) também se posiciona:

Fanon reconhece a importância crucial, para os povos subordinados, de afirmar suas tradições culturais nativas e recuperar suas histórias reprimidas. Mas ele está consciente demais dos perigos da fixidez e do fetichismo de identidades no interior da calcificação de culturas coloniais para recomendar que se lancem “raízes” no romanceiro celebratório do passado ou na homogeneização da história do presente.

A “fixidez e a calcificação”, comentadas acima, podem trazer, disfarçadamente, intenções de novos enaltecimentos a determinadas culturas, comunidades ou nações em prejuízo de outras. Atente-se, ainda, para o fato de que a história do presente à qual se refere Bhabha pode lançar raízes não somente em monumentos, mas também em “romanceiros celebratórios do passado”, como cita o autor.

Nota-se que a procura da identidade pela via da memória dialoga intensamente com um ideal de futuro, no qual se traduz a intenção de subsistência após a possível destruição das obras do homem por si mesmo ou a inesperada morte regida sob a “batuta divina”.

Nesse sentido, concluímos que o apreço pela memória, não tem relação somente com a busca pela identidade, mas sim, com a ânsia pela subsistência após a morte. Por de trás do projeto de construção da memória, há o temor pelo devir e o desejo de eternidade.

Palavras Chave: identidade, alteridade, memória

Referências

- AUGÉ, M. *A guerra dos sonhos*. Campinas: Papirus, 1998.
- BAITELLO, N. *A era da iconofagia*. Ensaios de comunicação e cultura. São Paulo: Hacker Editores, 2005.
- BHABHA, H.K. *O Local da Cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013
- GRUSINSKI, S. *La colonización de lo imaginario – Sociedades indígenas y occidentalización en el México español, siglos XVI-XVII*, México: Fondo de cultura Económica, 1995.
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- HARVEY, D. *A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo: Edições Loyola, 2000.
- HUYSEN, A. *Seduzidos pela Memória: arquitetura, monumentos, mídia*. 2. ed. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.
- JEUDY, H. *Memórias do social*. Rio de Janeiro: Forense. 1990.
- LE GOFF, J. *História e memória*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.
- ROSSI, P. *O passado, a memória e o esquecimento*. São Paulo, Editora da UNESP, 2010.
- WARBURG, A. *Imagens da região dos índios Pueblo da América do Norte*, in: Concinnitas, vol. 1, n. 8. Rio de Janeiro: UERJ, 2005.